



**ESTADO DE ALAGOAS
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO
GABINETE DA DEPUTADA JÓ PEREIRA**

PROJETO DE LEI Nº ____/2022

Assembleia Legislativa de Alagoas



PROTOCOLO GERAL 835/2022
Data: 18/05/2022 - Horário: 08:29

Legislativo

CONSIDERA PATRIMÔNIO CULTURAL,
ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DO
ESTADO DE ALAGOAS, PARA FINS DE
TOMBAMENTO DE NATUREZA MATERIAL,
A RESIDÊNCIA DO ENGENHEIRO
MARCIAL COELHO.

A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE ALAGOAS DECRETA:

Art. 1º - Fica considerado Patrimônio Cultural, Arquitetônico e Urbanístico de Interesse Público do Estado de Alagoas, para fins de tombamento de natureza material, a residência projetada e construída em 1981 pelo engenheiro Marcial Coelho para moradia própria e de sua família, localizada na Rua Prof. José da Silva Camerino, 861, Pinheiro, Maceió/AL.

Art. 2º - O imóvel de que trata o art. 1º desta Lei representa enorme importância cultural, arquitetônica e urbanística para o Estado de Alagoas, uma vez que agrega todos os elementos muito presentes na produção arquitetônica de Maceió da década de 1980, sendo um dos únicos - se não for o único - exemplar desta tipologia na cidade que ainda se encontra totalmente íntegro.

Art. 3º - Para cumprimento do disposto na Lei nº 4.741, de 17 de dezembro de 1985, será encaminhado pela Assembleia Legislativa do Estado de Alagoas à Secretaria de Estado da Cultura, em até 45 (quarenta e cinco) dias da publicação desta Lei, PROPOSTA DE TOMBAMENTO, acompanhada de cópia desta Lei, dos anexos e da justificativa, para integração do imóvel ao Livro de Tombo do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Estado de Alagoas.

Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**SALA DAS SESSÕES DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA ESTADUAL, EM
MACEIÓ, ____ DE ____ DE 2022.**


JÓ PEREIRA
Deputada Estadual



**ESTADO DE ALAGOAS
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO
GABINETE DA DEPUTADA JÓ PEREIRA**

JUSTIFICATIVA

A presente proposição tem por objetivo principal a proteção cultural de bem de natureza material que constitui em si mesmo grande valor histórico, arquitetônico e urbanístico para a cidade de Maceió e, consequentemente, para todo o Estado de Alagoas.

O §1º do art. 216 da Carta Magna estabelece que cabe ao Poder Público, com a colaboração da comunidade, promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

Por suas características, a residência do engenheiro Marcial Coelho representa enorme importância cultural, arquitetônica e urbanística para o Estado de Alagoas, uma vez que agrega todos os elementos muito presentes na produção arquitetônica de Maceió da década de 1980, sendo um dos únicos - se não for o único - exemplar desta tipologia na cidade que ainda se encontra totalmente íntegro. O engenheiro civil Marcial Coelho, embora não fosse arquiteto, fez uso de todos os preceitos da chamada “Escola Moderna Pernambucana” de arquitetura, inclusive utilizando em todo o piso a cerâmica produzida pela Oficina Brennand, de Recife, e construiu no ano de 1981 a casa em que habitou com a família e trabalhou até o ano de 2020, quando faleceu devido ao Covid-19.

O imóvel, inclusive, foi objeto de estudo da Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, doutora, mestra e engenheira, Adriana Capretz Borges da Silva Manhas, em sua dissertação “A Residência do Engenheiro Marcial Coelho, Marias e Filhos e a importância de sua preservação para a historiografia da arquitetura alagoana” (que segue em anexo), que teve por objetivo subsidiar ações de salvaguarda do chamado “patrimônio material” (que inclui bens imóveis construídos) deste período arquitetônico recente, do qual o bairro Pinheiro possui a maior parte do acervo da cidade de Maceió, a partir da caracterização da residência projetada pelo Engenheiro Marcial Coelho em 1981, destacou:

“Referência no bairro do Pinheiro, a casa apresenta estilo arquitetônico marcante da década de 1980 em Maceió, constituindo um importante exemplar da história recente da arquitetura alagoana, o que lhe confere valor histórico, artístico e estilístico.

Ocupando toda a esquina, o casarão possui forte relação com a cidade pois é toda cercado por gradil, garantindo a permeabilidade do olhar de quem passa pelas ruas, apesar do grande fluxo de veículos.

Além disso, está totalmente íntegra, não tendo apresentado nenhuma fissura. Entretanto, também se encontra na área de evacuação em decorrência do problema causado pela exploração de salgema na laguna Mundaú.

Por diversos motivos que vem sendo destacados recentemente sobretudo após o surgimento do DOCOMOMO (Documentação e Conservação do Movimento Moderno) e que envolvem a dificuldade de reconhecimento e valorização pela própria população, acaba sendo mais fácil conservar a arquitetura eclética (do final do século 19) do que a moderna e mais ainda, a



ESTADO DE ALAGOAS
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO
GABINETE DA DEPUTADA JÓ PEREIRA

pós-moderna, já que ambas não possuem atributos visuais lidos como “antigos” pela população, mas fazem parte do passado histórico e devem ter o mesmo cuidado em sua preservação do que as edificações mais antigas como as neoclássicas ou ecléticas, facilmente reconhecidas como “históricas”.

Os últimos exemplares modernistas alagoanos estão desaparecendo, assim como aqueles que foram construídos “após” o chamado movimento moderno, como a referida residência Marcial Coelho, e corre-se o risco de realmente saírem da paisagem da capital tão ou mais rapidamente que o tempo de vida de seus criadores, seja pela falta de educação patrimonial na cidade, que faz com que a própria população não reconheça a importância de seu patrimônio histórico, **seja pela ausência de leis preservacionistas e de um órgão de tombamento municipal, seja pelo desaparecimento do bairro Pinheiro, que agrupa a maior parte desses exemplares.**

[...]

A importância do projeto de Marcial Coelho está justamente em agregar todos os elementos muito presentes na produção arquitetônica de Maceió da década de 1980 mas que não é mais encontrado pela cidade.

Portanto, além de ser um exemplar importante, ainda é um dos únicos - se não for o único - exemplar desta tipologia na cidade e que se encontra totalmente íntegro, ainda que esteja dentro da área de evacuação delimitada pela CPRM.

Sendo assim, é de interesse para a memória histórica acerca do desenvolvimento e evolução dos períodos arquitetônicos de Maceió que esta edificação seja preservada, pois é objeto de estudo de uma cronologia que ainda se encontra no início, pela proximidade temporal, mas ao mesmo tempo, não pode desaparecer, sob o risco de não termos nenhum exemplar íntegro deste período da história da construção residencial da capital de Alagoas.

Até aqui, foram elencadas as razões para se manter a edificação preservada do ponto de vista de sua materialidade, ou seja, devido às suas características materiais, ou seja, da construção.

Entretanto, cabe destacar ainda que o Grupo RELU vem desenvolvendo um trabalho de extensão onde se pretende realizar o Inventário Participativo do Patrimônio Material e Imaterial dos bairros sob risco de subsidência em Maceió e, portanto, o valor da referida casa ainda será acrescido das memórias dos moradores da região, das lembranças como referência e localização e da afetividade com que aparecerá nos depoimentos que serão coletados durante a pesquisa, ou seja, seu valor patrimonial não se encerra em sua materialidade, mas também no que é intangível, que são as lembranças dos moradores da região.”

A Lei estadual nº 4.741/1985 prescreve que:

“**Art. 1º.** São bens de interesse cultural e consequentemente suscetíveis da proteção e vigilância do Poder Público estadual todos aqueles que, móveis ou imóveis, atuais ou futuros, existentes no território alagoano, por seu valor histórico, artístico, arqueológico, etnográfico, paisagístico, folclórico ou bibliográfico, mereçam ser preservados de destruição ou de utilização inadequada, entre os quais se incluem.

I – As construções e objetos de arte de notável qualidade estética ou particularmente representativos de determinada época ou estilo.

[...]



ESTADO DE ALAGOAS
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO
GABINETE DA DEPUTADA JÓ PEREIRA

Parágrafo Único. Os bens a que se referem este artigo integrarão o Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Estado de Alagoas depois de decretado seu tombamento, mediante o processo de que tratam os Arts. 4º a 14 desta Lei, e efetuada sua inscrição no Livro de Tombo próprio.” (sublinhamos)

Vê-se, portanto, a relevância histórico-cultural e arquitetônica da residência do engenheiro Marcial Coelho, não apenas dentro do bairro do Pinheiro mas também para toda a cidade de Maceió e para o Estado de Alagoas, **uma vez que totalmente preservada apresenta todas as características que marcam a “Escola Moderna” de arquitetura, além de possuir em seu interior verdadeiras obras de arte que são as cerâmicas produzidas pela Oficina Brennand, de Recife/PE.**

Motivo pelo qual sua proteção é de grande importância, fazendo-se necessário o reconhecimento de que o referido imóvel representa Patrimônio Cultural, Arquitetônico e Urbanístico de Interesse Público do Estado de Alagoas, para fins de que seja tombado pelo Poder Executivo, uma vez que se encontra na área de evacuação em decorrência do problema causado pela exploração de salgema na laguna Mundaú, estando a mercê de possível desocupação ou mesmo demolição.

Pelos motivos acima expostos, conto com o apoio dos deputados para aprovação deste Projeto de Lei, que irá contribuir como importante medida de preservação de Patrimônio Cultural, Arquitetônico e Urbanístico de Interesse Público do Estado de Alagoas cuja relevância histórico-cultural e arquitetônica é imensa.

SALA DAS SESSÕES DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA ESTADUAL, EM MACEIÓ,
___ DE _____ DE 2022.



JÓ PEREIRA
Deputada Estadual

A Residência do Engenheiro Marcial Coelho, Marias e Filhos e a importância de sua preservação para a historiografia da arquitetura alagoana

Adriana Capretz Borges da Silva Manhas

Arquiteta (Moura Lacerda, 1998) Mestre em Engenharia Urbana (UFSCar, 2002) e Doutora em Ciências Sociais (UFSCar, 2007)

Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas

adriana.capretz@fau.ufal.br

Resumo

O texto a seguir apresenta considerações sobre a arquitetura de interesse histórico, estético e artístico em Maceió de um período recente, e ainda pouco estudado, que são as duas últimas décadas do século 20, quando foi lançada no mercado da construção civil da capital alagoana a primeira geração de arquitetos formados pela primeira faculdade de arquitetura de Alagoas, a FAU UFAL. Os projetos desta primeira geração de profissionais genuinamente alagoanos possui características bastante marcantes, fortemente influenciadas pela chamada “escola pernambucana”, e tem como objeto de estudo um dos exemplares mais íntegros deste período – se não for o melhor deles – representado pela residência projetada e construída pelo Engenheiro Marcial Coêlho, no ano de 1981, no bairro do Pinheiro. Concomitantemente a este conjunto arquitetônico produzido no intervalo de duas décadas em Maceió, deu-se o surgimento e consolidação do Bairro Pinheiro, onde várias dessas edificações estão localizadas, e que encontra-se atualmente condenado pelo incidente geológico causado pela mineração do salgema pela empresa Braskem desde 1976 na cidade, que é a iminência da subsidência do solo deste e de mais quatro bairros – Bebedouro, Bom Parto, Mutange e parte do Farol. Este texto tem por objetivo subsidiar ações de salvaguarda do chamado “patrimônio material” (que inclui bens imóveis construídos) deste período arquitetônico recente, do qual o bairro Pinheiro possui a maior parte do acervo da cidade de Maceió, a partir da caracterização da residência projetada pelo Engenheiro Marcial Coelho em 1981.

Introdução: A ocupação do Pinheiro na consolidação da “modernidade” em Maceió

Até o final da Segunda Guerra Mundial, a capital de Alagoas era uma cidade carente de infraestrutura urbana e que começava avançar pelos bairros de maior altitude, como o Farol, onde as casas e palacetes das famílias da elite eram erguidas em estilo neocolonial e com influências europeias “exóticas”, como chalés com grandes telhados ao estilo dos normandos, cuja função da águas exageradamente inclinadas era o de escorrer a neve. Algumas destas casas felizmente ainda existem no bairro do Farol, a despeito da falta de proteção do patrimônio histórico, sendo que duas delas, localizadas na Avenida Fernandes Lima, são protegidas pelo Plano Diretor de 2005 como “Unidades Especiais de Preservação” (UEP). As UEP constituem exemplares isolados que devem ser protegidos, mesmo não integrando nenhuma ZEP (Zona Especial de Preservação).

Residências em estilo neocolonial na Avenida Fernandes Lima que são UEP (Unidades Especiais de Preservação), protegidas pelo Plano Diretor de 2005.



Fonte: Portal de Arquitetura Alagoana, 2021.

O asfaltamento da Avenida Fernandes Lima em 1942 (em parceria entre Prefeitura e Panair, que tinha interesse em facilitar o acesso de seus passageiros às áreas de pouso no antigo Aeroporto Costa Rego, no Tabuleiro do Pinto) e, dois anos depois, a construção do **Quartel** do 20º Batalhão de Caçadores, contribuíram para a ocupação ao longo da Avenida Fernandes Lima.

O Pinheiro começou a ser ocupado a partir de 1945 com a inauguração do Hospital Severiano da Fonseca, ou “Hospital Sanatório”, mas foi na década de 1980 que o bairro despontou de vez, após a construção da caixa d’água (o Reservatório R-4 do Sistema Pratygy, inaugurado em 1984).

Podemos atribuir aos dois maiores complexos educacionais de Maceió o grande impulso de ocupação e da urbanização da parte alta da cidade, que foram :

1. O Centro Educacional de Pesquisa Aplicada (CEPA), inaugurado em 1958 (com apenas quatro escolas, sendo que o restante das onze escolas foi finalizado até 1971, juntamente com biblioteca, teatro, centro de formação de professores e alojamento). O CEPA representou uma tentativa de integração da capital de Alagoas a um plano nacional de desenvolvimento, onde a educação assumia importante posição, em meio à realidade de extrema desigualdade resultante de uma sociedade ainda fortemente ligada às oligarquias. Construído a partir de recursos federais do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), presidido na época por Anísio Teixeira, conceituado pesquisador da área educacional no Brasil, o projeto foi elaborado pelo renomado engenheiro baiano Diógenes Rebouças em parceria com Fernando Machado Leal, sendo o primeiro o autor de grande parte dos projetos idealizados pelo educador.
2. O Campus da UFAL, inaugurado em 1971. Embora existisse desde 1961, apenas uma década depois é que a cidade universitária foi criada, e em 1973 é que foi concluído o Hospital Universitário. Em 1977, os cursos da área de Humanas foram definitivamente transferidos do Antigo Campus Tamandaré, no Pontal da Barra, após a implantação da Salgema naquele bairro, a indústria de alta periculosidade que desde então passou a definir a expansão urbana de Maceió, como está acontecendo novamente, 45 anos depois.

Com o grande eixo de circulação asfaltado até a UFAL, cortando a cidade no sentido leste-oeste, foi que o bairro do Pinheiro passou a abrigar as novas residências de médio e alto padrão, no final da década de 1970. Um bairro localizado no coração da cidade, com a mais bela vista para a Laguna Mundaú, rápido acesso a todas as áreas da cidade e, a partir da década de 1980, contando com um imenso reservatório de água. Assim despontou o bairro mais promissor da parte alta de Maceió, que foi o Pinheiro.

A Arquitetura Moderna em Maceió

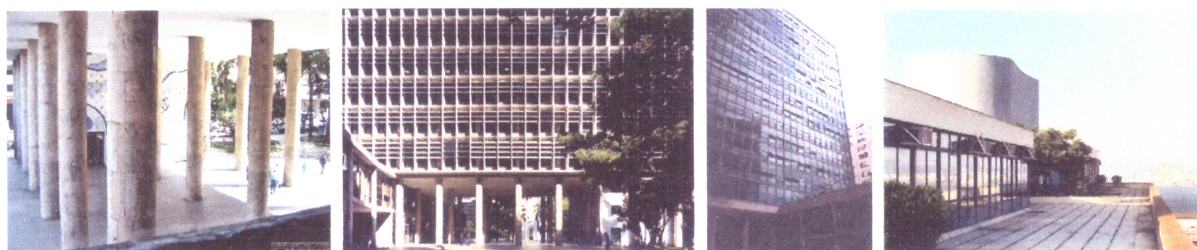
No estudo da historiografia da Arquitetura e do Urbanismo, no período compreendido entre as duas Grandes Guerras Mundiais do século 20 deu-se a consolidação da chamada “Arquitetura Moderna”, cujos preceitos já vinham sendo lançados desde o final do século 19, a partir da utilização de novos materiais na construção civil como estrutura metálica (primeiro em ferro, que logo foi substituído pelo aço), o concreto armado e soluções como elevador e estruturas mais resistentes que permitiram novas tipologias e criações como os arranha-céus, por exemplo.

Mas foi nas primeiras décadas do século 20 que a construção civil tornou-se passível de ser reproduzida em série, de forma industrial, graças a uma nova forma de se projetar e conceber a arquitetura, utilizando estrutura independente dos fechamentos (em vez das tradicionais paredes estruturais) e componentes fabricados em série, desde a estrutura até os acabamentos. A esta “nova” arquitetura – que não era mais um estilo ou modismo, mas uma nova maneira de se conceber a construção, desde o projeto dos espaços até o sistema estrutural, tendo como resultados formas que não mais obedeceriam a convenções estéticas mas puramente a função que seus espaços deveriam abrigar, sem nenhum vestígio de passado histórico mas resultante de estudos racionais - convencionou-se chamar de “Arquitetura Moderna”.

A Arquitetura Moderna teve seu auge na primeira metade do século 20, alavancada pelo grande déficit habitacional deixado pela Primeira e pela Segunda Guerra Mundial. No Brasil, podemos marcar seu início com a construção do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, no ano de **1936**, conhecido por “Edifício Gustavo Capanema”, projeto de uma equipe liderada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa e que contou até mesmo com a vinda do arquiteto suíço Le Corbusier, que era o maior teórico e difusor das ideias modernistas da arquitetura pelo mundo.

Utilizando pela primeira vez os “Cinco Pontos da Arquitetura Moderna” sintetizados por Le Corbusier – pilotis, planta livre, fachada livre, janela corrida e terraço-jardim – o Edifício Gustavo Capanema apresentava ainda os diferenciais que a arquitetura moderna brasileira de Niemeyer, Lúcio Costa e todos os modernos brasileiros empregaram nos trópicos, que foi o sábio uso dos dispositivos de arquitetura para controle da iluminação e ventilação natural, executados de forma ainda artesanal mas com alto grau de engenhosidade, acrescido à presença da arte de uma forma inovadora, que era por meio dos jardins de Burle Marx com espécies tropicais brasileiras (e das diversas esculturas presentes) e nos murais de Portinari, que integravam-se perfeitamente às paredes internas e externas da edificação.

Presença dos cinco pontos da Arquitetura Moderna segundo Le Corbusier - pilotis, fachada livre, planta livre, janela corrida e terraço jardim.



Fonte: Vitruvius, 2021.

Presença dos dos murais de Portinari, jardins de Burle Marx e do brise soleil para controle de luminosidade



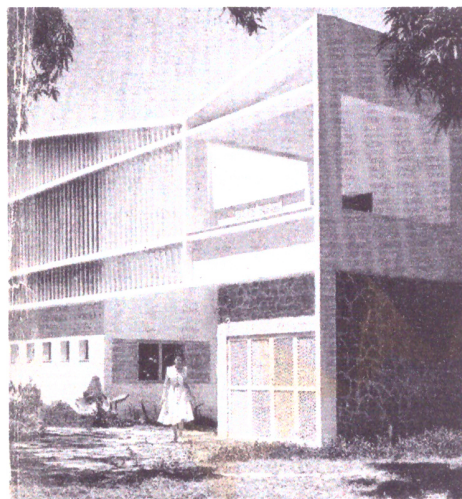
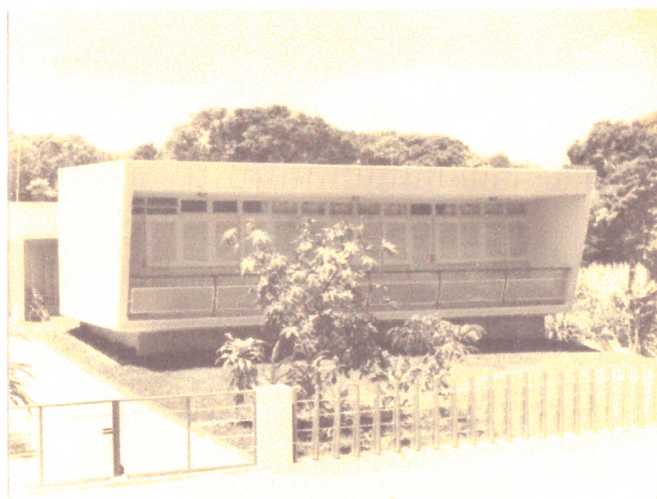
Fonte: Vitruvius, 2021.

Em Alagoas, a chamada arquitetura moderna chegou apenas na década de 1950, assim como o progresso na construção civil, quando a arquiteta pernambucana Zélia Maia Nobre, única mulher numa turma de 60 arquitetos formados na Escola de Belas Artes de Recife (atual FAU UFPE), mudou-se para Maceió no ano de 1955, após sua formatura e casamento com o também recém-formado Engenheiro Civil maceioense Vinícius Maia Nobre.

Zélia inovou com a nova estética que aprendera com os seus mestres em Recife que eram discípulos de Le Corbusier como o carioca Acácio Gil Borsoi e o português Delfim Amorim, radicados no Recife no começo dos anos 50, profissionais chave na renovação e consolidação do ideário moderno na região. Projetos como o Parque Hotel, na Praça Dom Pedro II (1957), o late Clube Alagoinhas (1963), a Residência Universitária (1965) e a antiga Faculdade de Engenharia, atual Pinacoteca Universitária (1967), ambas na Praça Sinimbu, somam-se aos projetos engenhosos de Vinícius, que calculou Estádio Rei Pelé (1970), a Ponte Divaldo Suruagy e muitos outros ícones da engenharia civil de nosso Estado. Atuaram ainda na criação dos primeiros órgãos de projetos do estado de Alagoas, bem como na criação do Conselho Regional de Engenharia (CREA) Alagoas.

A linguagem moderna da arquitetura havia alcançado definitivamente a capital alagoana, e após 1960, com a inauguração de Brasília, abrigando projetos incônicos de Oscar Niemeyer, a linguagem plástica “futurista” foi finalmente assimilada pela população brasileira e maceioense - embora tardiamente, nas décadas de 1960 e 1970, quando a arquitetura moderna já seguia outros caminhos pela mundo, sendo duramente questionada e até mesmo superada nos Estados Unidos.

Residências modernas em Maceió da década de 1950, no bairro do Farol: à esquerda, residência da arquiteta Arquiteta Zélia Maia Nobre e à direita Residência José Lyra, projeto de Lygia Fernandes



Fonte: Acervo da Família Maia Nobre e Revista Acrópole.

A Arquitetura de Maceió na década de 1980 a partir da casa projetada pelo Engenheiro Marcial Coêlho

A primeira faculdade de arquitetura e urbanismo de Alagoas, a FAU UFAL, começou a funcionar em 1973, após muito empenho para sua criação pelas arquitetas Zélia Maia Nobre e Edy Marreta. A primeira turma concluiu o curso e se formou em 1978. Só a partir daí é que podemos dizer que houve, de fato, uma arquitetura “alagoana”, pois o que se vira até então era fruto do trabalho de profissionais que estavam ainda muito influenciados pelos mestres pioneiros Le Corbusier, Mies Van der Rohe, Walter Gropius e outros. Isso é visível nas obras de Lygia Fernandes (arquiteta maranhense que atuou em Maceió) e Zélia Maia Nobre, ambas formadas em meados na década de 1950 e, portanto, naturalmente muito influenciadas pelos mestres pioneiros.

Já na FAU UFAL, ainda que os professores que atuaram nos primeiros anos também tivessem sua formação em Recife (como Zélia Maia Nobre), estes já fizeram parte de uma geração posterior à de Zélia, e foram bastante influenciados pela obra do arquiteto pernambucano Armando de Holanda (1940-1979), que foi o livro publicado em 1976 e intitulado “Roteiro para Construir no Nordeste”.

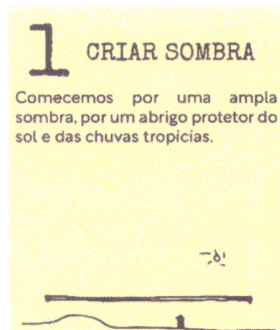
Neste livro, Armando condensou e sintetizou as principais lições que eram utilizadas no ensino de arquitetura na chamada “Escola Moderna Pernambucana”, e que orientou a prática de muitos arquitetos na região. Armando de Holanda defendeu que deveríamos construir, de forma frondosa, “uma arquitetura sombreada, aberta, vigorosa, acolhedora e envolvente, que, ao nos colocar em harmonia com o ambiente tropical, nos incite a nele viver integralmente”. Essa arquitetura que aproveitava a ventilação e a iluminação natural por meio do uso de recursos como cobogós, brises e amplos beirais, possibilitava varandas que protegiam da chuva e da incidência direta do sol.

A atualidade do pensamento de Armando de Holanda, sobretudo na contemporaneidade, em que os arquitetos têm sido desafiados a elaborar propostas de construção de sistemas ambientais sustentáveis e intercomunicantes, nos mostra que o exercício da arquitetura inclui um olhar para a sua própria tradição, que foi onde Holanda retirou seus ensinamentos.

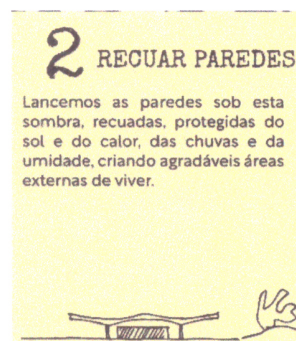
O texto, que foi amplamente utilizado pelos arquitetos que se formaram nas primeiras turmas da FAU UFAL e reflete muito a produção de Maceió nas décadas de 1980 e 1990.

Embora não fosse arquiteto, o engenheiro civil Marcial Coelho fez uso de todos esses preceitos e construiu no ano de 1981 a casa em que habitou com a família e trabalhou até o ano de 2020, quando faleceu devido ao Covid-19.

A seguir, serão apresentados, em síntese, os preceitos defendidos por Armando de Holanda, que são extremamente atuais para o ensino de Arquitetura, e nos quais podem ser encontrados na Residência Marcial Coêlho:

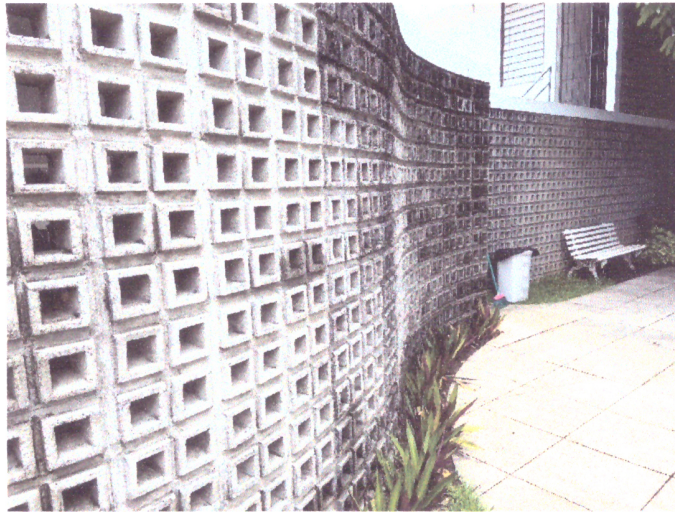
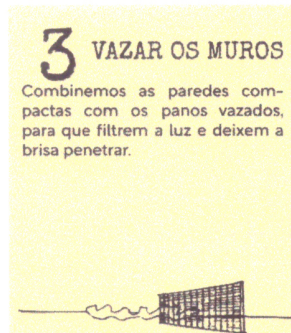


Observa-se que a grande cobertura criada por Marcial Coêlho é que dá o caráter para o projeto, ou seja, a residência pode ser facilmente identificada por um elemento simples: a grande coberta que abriga todo o programa da casa. Não há volumetrias “anexas”. Nota-se que grandes cobertas com telhas cerâmicas são heranças coloniais, mas que foram muito utilizadas por modernos como Niemeyer e Lúcio Costa, sendo um dos elementos muito marcantes na arquitetura moderna tropical brasileira, bem diferente das lajes planas adotadas pelos mestres europeus como Le Corbusier ou Gropius.

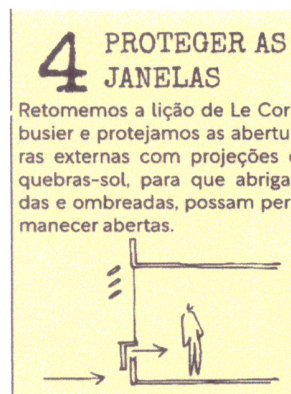


Nota-se a generosa varanda que protege todas as paredes da casa de chuva e umidade, mas sobretudo da incidência direta do sol, podendo até mesmo apresentar grandes portas de vidro, pois estas não recebem a

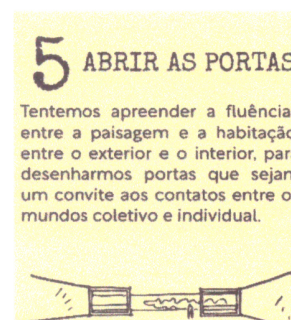
luz do sol diretamente (uma solução que precisa ser urgentemente retomado entre os arquitetos contemporâneos).



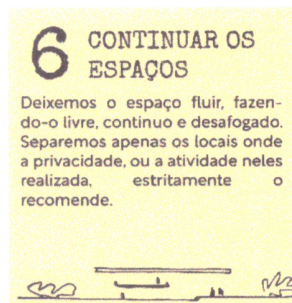
Marcial Coêlho não apenas fez muito uso dos elementos vazados (ou cobogós), como também criou um elemento visual interessante por meio da ampla parede curva.



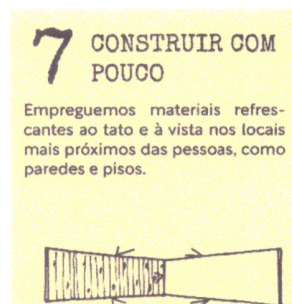
As janelas da casa toda possuem venezianas, além de vergas com função de quebra-sol e bandeiras em vidro, proporcionando mais iluminação interna. Todas essas soluções demonstram o domínio dos detalhes contrutivos pelo engenheiro. Nota-se ainda o generoso beiral que contribui para a proteção das paredes e janelas.



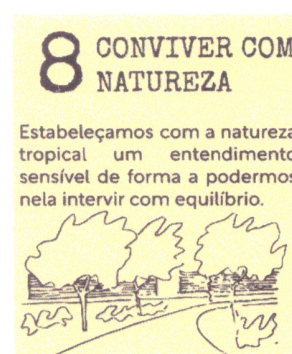
A Casa possui amplas portas que se abrem completamente, tornando os espaços amplos e contínuos quando abertas.



A casa possui poucas paredes, sendo deixadas para os locais onde há necessidade de privacidade como quartos e banheiros. As salas são sempre amplas e desimpedidas.



Foram utilizadas pedras, paredes chapiscadas e concreto aparente, causando interessantes contrastes e composições com as paredes pintadas em branco, os pilotis em concreto aparente e os pisos em cerâmica.



Os jardins que circundam toda a casa também receberam árvores de diversas espécies, formando espaços sombreados, frescos e agradáveis.

Todo o conhecimento estético e formal da arquitetura moderna, associando à sua quase obsessiva preocupação com os detalhes construtivos, conferiram uma qualidade tamanha ao projeto que ainda nos dias de hoje é difícil acreditar que a casa já tem quarenta anos e esta era exatamente uma das pretensões da arquitetura moderna (ser "eterna").

Painel em madeira para embutir o ar condicionado (detalhe nos acabamentos arredondados e no encontro com a porta)



Fonte: Acervo pessoal da família, 2021.

Sistema de irrigação da floreira da suíte do casal



Fonte: Acervo pessoal da família, 2021.

Preocupação com a localização do condensador do ar condicionado para não interferir nas fachadas



Fonte: Acervo pessoal da família, 2021.

Internamente, o piso é todo em cerâmica produzida pela Oficina Brennand, de Recife, tal qual as obras de Niemeyer, que utilizava-se de cerâmicas de Portinari, as quais constituíam a obra de arte no próprio elemento construtivo.



Se retomarmos o pensamento de Armando de Holanda (1976), presente em todo o projeto de Marcial Coêlho, conseguimos compreender não apenas a atualidade de seu pensamento, como a necessidade urgente de se retomar, no ensino e na prática da arquitetura, aqueles preceitos que tornam a arquitetura mais “humanizada” que era o que Armando de Holanda chamava de “construir frondoso”:

“Trabalhemos no sentido de uma arquitetura livre e espontânea, que seja uma clara expressão de nossa cultura e revele uma sensível apropriação de nosso espaço; trabalhemos no sentido de uma arquitetura sombreada, aberta, contínua, vigorosa, acolhedora e envolvente, que, ao nos colocar em harmonia com o ambiente tropical, incite-nos a nele viver integralmente”.
(Armando de Holanda).



[Handwritten signature]

Sobre a Conservação do Movimento Moderno no Mundo, no Brasil e em Alagoas

Referência no bairro do Pinheiro, a casa apresenta estilo arquitetônico marcante da década de 1980 em Maceió, constituindo um importante exemplar da história recente da arquitetura alagoana, o que lhe confere valor histórico, artístico e estilístico.

Ocupando toda a esquina, o casarão possui forte relação com a cidade pois é toda cercado por gradil, garantindo a permeabilidade do olhar de quem passa pelas ruas, apesar do grande fluxo de veículos.



Além disso, está totalmente íntegra, não tendo apresentado nenhuma fissura. Entretanto, também se encontra na área de evacuação em decorrência do problema causado pela exploração de salgema na laguna Mundaú.

Por diversos motivos que vem sendo destacados recentemente sobretudo após o surgimento do DCOMOMO (Documentação e Conservação do Movimento Moderno) e que envolvem a dificuldade de reconhecimento e valorização pela própria população, acaba sendo mais fácil conservar a arquitetura eclética (do final do século 19) do que a moderna e mais ainda, a pós-moderna, já que ambas não possuem atributos visuais lidos como “antigos” pela população, mas fazem parte do passado histórico e devem ter o mesmo cuidado em sua preservação do que as edificações mais antigas como as neoclássicas ou ecléticas, facilmente reconhecidas como “históricas”.

Os últimos exemplares modernistas alagoanos estão desaparecendo, assim como aqueles que foram construídos “após” o chamado movimento moderno, como a referida residência Marcial Coelho, e corre-se o risco de realmente saírem da paisagem da capital tão ou mais rapidamente que o tempo de vida de seus criadores, seja pela falta de educação patrimonial na cidade, que faz com que a própria população não reconheça a importância de seu patrimônio histórico, **seja pela ausência de leis preservacionistas e de um órgão de tombamento municipal, seja pelo desaparecimento do bairro Pinheiro, que agrupa a maior parte desses exemplares.**

O Grupo RELU (Representações do Lugar) vem se dedicando à reconstrução da memória arquitetura produzida alagoana das últimas décadas, quando foi detectado em História 4 (disciplina focada na Arquitetura Brasileira) o absoluto desconhecimento dos alunos sobre os arquitetos que vem atuando em Alagoas nos últimos 40 anos, desde que a primeira turma se formou na FAU UFAL em 1979. Da mesma forma,

desconhecem a existência de sua fundadora, a arquiteta Zélia Maia Nobre, assim como de sua fundamental importância para a abertura de várias frentes de trabalho na área de arquitetura e urbanismo. Desde então, a autora deste texto e o grupo RELU vem divulgando a história de arquitetos os quais, desde 1979 vem sendo formados pela FAU UFAL a partir do sonho concretizado de Zélia Maia Nobre e Edy Marreta Timóteo, assim como de engenheiros e construtores como Marcial Coelho, que também foram responsáveis pela mudança da paisagem da capital alagoana, imprimindo nas construções – sobretudo residências – características que podem, sem nenhuma dúvida, **ser nomeadas como “arquitetura genuinamente alagoana”**.

A importância do projeto de Marcial Coelho está justamente em agregar todos os elementos muito presentes na produção arquitetônica de Maceió da década de 1980 mas que não é mais encontrado pela cidade. Portanto, além de ser um exemplar importante, ainda é um dos únicos - se não for o único - exemplar desta tipologia na cidade e que se encontra totalmente íntegro, ainda que esteja dentro da área de evacuação delimitada pela CPRM.

Sendo assim, é de interesse para a memória histórica acerca do desenvolvimento e evolução dos períodos arquitetônicos de Maceió que esta edificação seja preservada, pois é objeto de estudo de uma cronologia que ainda se encontra no início, pela proximidade temporal, mas ao mesmo tempo, não pode desaparecer, sob o risco de não termos nenhum exemplar íntegro deste período da história da construção residencial da capital de Alagoas.

Até aqui, foram elencadas as razões para se manter a edificação preservada do ponto de vista de sua materialidade, ou seja, devido às suas características materiais, ou seja, da construção.

Entretanto, cabe destacar ainda que o Grupo RELU vem desenvolvendo um trabalho de extensão onde se pretende realizar o **Inventário Participativo do Patrimônio Material e Imaterial dos bairros sob risco de subsidência em Maceió** e, portanto, o valor da referida casa ainda será acrescido das memórias dos moradores da região, das lembranças como referência e localização e da afetividade com que aparecerá nos depoimentos que serão coletados durante a pesquisa, ou seja, seu valor patrimonial não se encerra em sua materialidade, mas também no que é intangível, que são as lembranças dos moradores da região.

O conteúdo deste texto é de autoria e responsabilidade da autora e não pode ser reproduzido sem citação da fonte.

Maceió, outubro de 2021.

